

ELEMENTOS PARA UM ESTUDO DO TEMPO REAL NO DISCURSO

Marie João FREITAS
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

RESUMO

O texto a apresentar no III Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística debruçar-se-á sobre alguns problemas relacionados com o parâmetro acústico da duração, na leitura. O estudo que constituirá a base da comunicação foi elaborado no âmbito dos seminários de Mestrado, na área da Fonética Experimental.

A concretização do trabalho teve a colaboração de três informantes com actividades profissionais vinculadas à Linguística. A cada um deles, foi pedido que produzisse a leitura de um texto, segundo critérios determinados: a primeira modalidade de leitura teve como base um texto não pontuado; a segunda modalidade alicerçou-se no mesmo texto, pontuado pelo próprio informante; a terceira modalidade consistiu na leitura do referido texto com a pontuação original.

Os resultados obtidos permitiram retirar várias conclusões, a partir das diferentes construções de pausas e de sequências, no acto da leitura. Sempre que possível, a discussão dos dados recolhidos fez incursões noutras áreas da Linguística, nomeadamente, a Sintaxe, a Semântica e, ainda, a Pragmática.

O trabalho do qual elaboramos, aqui, um breve resumo pretendeu demonstrar, uma vez mais, a importância da Fonética para muitos problemas que se relacionam com outras áreas específicas da Linguística.

1. INTRODUÇÃO: OBJECTIVOS E METODOLOGIA

O trabalho que constitui a base desta Comunicação foi elaborado na sequência de um Seminário de Mestrado, na área da Fonética Experimental. O motivo que conduziu a sua elaboração foi o de estudar um pouco algumas questões relacionadas com o parâmetro acústico da duração na leitura, aplicado à construção de pausas e de sequências no continuum sonoro produzido por um falante leitor. O trabalho do qual se apresenta, aqui, os elementos fundamentais estabelece, sempre que possível, relações entre a Fonética e outras áreas da Linguística, em particular, a Sintaxe e a Semântica. Funcionam como ponto de referência alguns estudos nesta área, em relação ao português, nomeadamente, os de Maria Raquel Delgado-Martins e o que constitui a tese de Mestrado de Fernando Martins.

A recolha de dados foi feita no Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em condições idênticas para cada um dos informantes.

Foram escolhidos três informantes linguistas, aos quais foi pedido que fizessem a leitura de um excerto da tradução portuguesa do ensaio *Porquê o Nome da Rosa?*, de Umberto Eco. Cada informante leu o texto três vezes, em função de três modalidades de leitura diferentes: a primeira modalidade teve como base o texto sem indicações sobre a obra de qual fora extraído e sem qualquer sinal de pontuação gráfica; a segunda foi feita a partir do mesmo texto, agora pontuado pelo próprio informante; a terceira modalidade consistiu na leitura do texto com a pontuação gráfica original.

A gravação dos nove textos lidos, três por cada informan-

te, foi feita sobre fita magnética, com um volume de som constante. Todos os dados obtidos foram analisados no Visi-Pitch, estando o aparelho sintonizado para apresentar, no écran, o equivalente a um continuum sonoro de oito segundos, introduzido a um volume de som constante.

A análise e a discussão dos dados obtidos permitiu retirar informações relevantes sobre a presença ou ausência de intencionalidade na construção de pausas e de sequências, no discurso lido. São essas as informações que se encontram reunidas na presente Comunicação.

2. TIPOS DE PAUSAS

Após uma análise atenta dos dados, apercebemo-nos de que é possível encontrar regularidades na distribuição de pausas na leitura, apesar de, numa primeira abordagem, elas parecerem bastante diversificadas, na sua extensão temporal. Assim, e partindo da observação dos dados recolhidos, podemos encontrar uma escala de pausas constituída por 3 níveis, estabelecida, não aprioristicamente, mas em função de todos os valores de duração encontrados:

ESCALA DE PAUSAS

- NÍVEL 1 - Pausas breves, que visam clarificar a mensagem: oscilam entre 0,13 s e 0,14 s, utilizando entre 10,4% e 39% do tempo real e que corresponde a pausa máxima.
- NÍVEL 2 - pausas intermédias, delimitando frases simples, dentro de um contexto sintáctico complexo: oscilam entre 0,44 s e 0,85 s, ou seja, entre 40% e 70% do tempo real da pausa máxima.

NÍVEL 3 - pausas longas, correspondendo a final de frase, simples ou não: oscilam entre 0,88 s e 1,82 s, utilizando entre 71% e 100% de duração de pausa máxima.

O nível 2, na maior parte dos casos, delimita, igualmente, grupos sintácticos como SN_s , SV_s ou SP_s , embora possamos encontrar, esporadicamente, pausas de nível 1, neste contexto.

Se quisermos estabelecer a frequência de pausas em cada nível, podemos fazê-lo sob a forma de um quadro que apresente a distribuição de pausas em cada leitura de cada informante, de acordo com a escala de pausas proposta. O **QUADRO I** contém o número de ocorrências de cada um dos níveis de pausas, nas três leituras efectuadas por cada um dos informantes. Os valores mínimos e máximos de duração, em cada nível, são apresentados em segundos; o L corresponde à abreviatura de Leitura.

Pela observação do **QUADRO I**, podemos concluir que, em 78% dos casos, são as pausas de nível 2 que ocorrem com mais frequência. Tal facto indica que os falantes, ao organizarem a leitura de um texto, fazem intervir regras de natureza sintáctica, uma vez que, como foi referido, o nível 2 é utilizado para delimitar grupos sintácticos ou frases simples, dentro de estruturas sintácticas complexas. Resta, no entanto, saber de que forma se relacionam, neste caso, a Fonética e a Sintaxe.

Considerando, agora, as pausas de nível 3, correspondentes a um ponto final gráfico, podemos-nos interrogar acerca da existência ou não de uma diferença de valor temporal entre uma pausa correspondente a um ponto final gráfico e uma outra de delimitação de parágrafo. O **QUADRO II** apresenta apenas dados relativos às 2ª e 3ª leituras, uma vez que só estas são relevantes, por terem sido feitas a partir de textos pontuados. São referidos os parágrafos dos textos de base de cada leitura e os valores, em segundos, das respectivas pausas.

INFORMANTES		TOTAL	NÍVEL 1	NÍVEL 2	NÍVEL 3
PAUSAS			0,13s-0,41s (aprox)	0,44s-0,85s (aprox)	0,88s-1,82s (aprox)
J. F.	1 ^o L	21	11	8	2
	2 ^o L	20	2	14	4
	3 ^o L	26	14	9	3
J. P.	1 ^o L	18	5	8	5
	2 ^o L	24	3	15	6
	3 ^o L	25	6	12	7
A. E.	1 ^o L	26	8	15	3
	2 ^o L	24	4	15	5
	3 ^o L	19	0	15	4

QUADRO I

INFORMANTES	LEITURAS	PARAGRAFOS	PAUSAS
J. F.	2ª	1	0,97s
	3ª	1	1,00s
		2	0,88s
J. P.	2ª	-	-
	3ª	1	1,63s
		2	1,82s
A. E.	2ª	-	-
	3ª	1	1,19s
		2	1,22s

QUADRO II

Se analisarmos todos os valores relativos ao nível 3 das 2ª e 3ª leituras de J. P. e de A. E., verificamos que os valores presentes na delimitação de parágrafo correspondem às pausas máximas utilizadas, facto que nos poderia levar a postular um nível 4, dentro da escala de pausas, referente à delimitação de parágrafo. Mas os dados relativos a J. F. não argumentam a favor deste princípio. Assim, e dado o reduzido número de informantes, não nos é permitido testar o valor de generalidade de um nível 4, evidente em J. P. e em A. E.

3. DURAÇÃO DE SEQUÊNCIAS

Depois de estudado o tempo real presente na construção de pausas na leitura, vejamos o que se passa em relação à duração das sequências, entendendo por sequência o continuum sonoro delimitado por pausas. Tratados os dados relativos a esta questão, verificamos que, no conjunto de todos os valores das várias leituras, as sequências mais frequentes utilizam entre 24% e 57% do tempo máximo gasto na construção de uma sequência. Evitam-se, assim, sequências demasiado breves ou muito longas.

Numa outra abordagem dos dados, e tentando encontrar possíveis regularidades entre duração de sequências e níveis de pausas, verificamos que, no corpus analisado, não há qualquer sistematização possível em relação a este assunto: a duração de uma sequência não influencia o valor temporal das pausas anterior e posterior.

4. PAUSAS E PONTUAÇÃO GRÁFICA

Concentremo-nos, agora, na comparação entre pausas e pontuação gráfica, seleccionando, para tal, os dados relativos às 2ª e 3ª leituras de cada informante.

Postulando, à partida, uma relação directa entre pausa e pontuação (não nos esqueçamos de que a pontuação funciona, tradicionalmente, como um registo escrito de vários tipos de pausas e de entoações), vejamos de que forma este princípio é corroborado ou não pela análise dos dados recolhidos. Foram considerados, para tal, os casos presentes no QUADRO III

C A S O S	
LEITURA	TEXTO DE BASE
pausa	pontuação
pausa	não pontuação
não pausa	pontuação

QUADRO III

O par **pausa-pontuação** expressa as correspondências entre **continuum sonoro** e **registo escrito**; os pares **pausa-não pontuação** e **não pausa-pontuação** referem as diferenças entre **texto de base** e **respectiva leitura**. O **QUADRO IV** apresenta o número de ocorrências dos referidos pares nas 2ª e 3ª leituras de cada informante; O **QUADRO V** regista o tratamento percentual dos dados incluídos no **QUADRO IV**.

Informantes	Leituras	Pausa- -pontuação	Não pausa- -pontuação	Pausa-não pontuação	Total de dados
J. F.	2ª L	13	3	7	23
	3ª L	22	2	5	29
J. P.	2ª L	15	6	9	30
	3ª L	19	5	6	30
A. E.	2ª L	15	3	9	27
	3ª L	16	9	3	28

QUADRO IV

Informantes	Leituras	correspondências	não correspondências
J. F.	2ª L	57%	43%
	3ª L	76%	24%
J. P.	2ª L	50%	50%
	3ª L	63%	37%
A. E.	2ª L	56%	44%
	3ª L	68%	32%

QUADRO V

Se observarmos, atentamente, os dados, verificamos que existe, em cada leitura, uma grande percentagem de não correspondência entre pausas e pontuação gráfica, o que põe em causa o critério inicial, segundo o qual a pontuação gráfica funciona como um registo escrito de pausas. E se, na 3ª leitura, a pontuação não é da responsabilidade do falante-leitor, na 2ª leitura, é o próprio falante que a atribui ao texto não pontuado, base da 1ª leitura.

Ora, é, exactamente, na 2ª leitura que surgem percentagens de não correspondência mais elevadas, o que, para além de inesperado, nos leva a afirmar, com mais segurança, que a construção de pausas, num texto lido, não se rege segundo as mesmas normas de atribuição da pontuação gráfica.

5. DISTINGUIR RELATIVAS

De acordo com a Gramática Tradicional, aprendemos a distinguir uma subordinada relativa restritiva de uma explicativa em função de dois critérios: um critério semântico, relacionado com o tipo de informação que a F(rase) relativa fornece acerca do seu antecedente, e um critério fonético. Este último postula que uma relativa explicativa se distingue de uma restritiva pela presença na primeira e pela ausência na segunda de uma pausa entre o PRON(ome) relativo e o N(ome) antecedente. Este critério fonético é transposto para a escrita através da presença ou não de uma (,).

Os exemplos 1) a 4) reúnem as F_g relativas presentes no texto de base. Não foi registada a pontuação por esta diferir de informante para informante e da 2ª para a 3ª leituras.

- 1) (...) aquilo que não podia deixar de acontecer.
- 2) (...) um cúmplice que fizesse o meu jogo (...)
- 3) (...) uma figura de leitor que uma vez supetada a iniciação se tornasse minha presa (...)
- 4) (...) aquilo que o texto lhe oferecia.

Analisadas as 36 ocorrências de F_g relativas, 4 por cada leitura de cada informante, verificamos que, em 28% dos casos, o princípio inicialmente referido não é respeitado, o que prova a não eficácia do critério tradicional. Estes dados vêm confirmar afirmações feitas, neste sentido, em MARTINS (83).

6. SOBRE O E COPULATIVO

Existe ainda um outro princípio estipulado pela Gramática Tradicional, segundo o qual não há qualquer pausa antes de um e copulativo, facto que é registado na escrita através da ausência de (,). Vejamos de que forma os dados recolhidos confirmam ou infirmam este princípio.

- 5) (...) um rio e duas margens (...)
- 6) (...) um pescador e se a esse pescador atribuisse (...)
- 7) (...) um carácter irascível e um registo criminal (...)
- 8) (...) presa do texto e pensasse que não (...)

Estudados os exemplos 5) e 8), no conjunto dos dados referentes às 2ª e 3ª leituras de cada informante, constatamos que 64% dos casos refutam o critério tradicional, apresentando pausa antes do e copulativo. Estes dados, tal como o referiu a Drª Raquel Delgado-Martins, no decorrer de uma discussão para a preparação deste trabalho, vêm de encontro à tendência, cada vez mais generalizada, na escrita, para fazer anteceder o e copulativo de uma vírgula.

7. AS TRÊS MODALIDADES DE LEITURA

Elaborando, finalmente, um estudo comparativo das três modalidades de leitura, é-nos lícito retirar algumas conclusões. Em primeiro lugar, o tempo real utilizado para a concretização das pausas no discurso lido fornece-nos informações interessantes: na 1ª leitura, os falantes-leitores nunca atingem o tempo máximo correspondente a uma pausa de nível 3, pelo contrário, mantêm-se sem-

pre nos valores mínimos deste nível. Constatamos, assim, que o ritmo de elocução é mais acelerado na 1ª modalidade de leitura do que nas restantes. Em termos semânticos, este facto é relevante: ao evitar grandes pausas de nível 3, o falante-leitor demonstra, na 1ª leitura, pouco domínio sobre a estrutura temática do texto. Acelerando o ritmo de elocução, o informante confere à leitura um carácter menos definitivo. Este comportamento define o valor fortemente marcado das pausas de nível 3.

Ainda em relação à 1ª modalidade de leitura, verificamos que, apesar do rápido ritmo de elocução, a construção de seqüências e a distribuição de pausas não afecta, de forma significativa, as estruturas sintáctica e semântica do texto.

8. CONCLUSÃO

Numa fase terminal do trabalho, convém sublinhar que todas as conclusões retiradas se restringem ao conjunto de dados de que dispunhamos: nenhuma das afirmações feitas possui valor de generalidade em relação a outros dados, sem que a sua validade seja testada. O número reduzido de informantes condiciona, assim, as conclusões apresentadas e apela para uma continuidade no trabalho. Em contrapartida, o facto de os informantes serem linguistas torna ainda mais relevante a discussão feita em torno das relações entre pausa e pontuação gráfica, das F_2 relativas e do *e* copulativo. Nestes casos, a não aplicação dos princípios referidos na Gramática Tradicional é ainda mais significativa, dado o conhecimento que os informantes têm da língua.

Este estudo visou, sobretudo, demonstrar a importância do tempo real na leitura, no acto da construção de um enunciado com um significado próprio. Ao realçarmos o carácter intencional da distribuição de pausas, regida por princípios alheios aos que orientam a pontuação gráfica de um texto, pretendemos apelar para a necessidade de estabelecer relações estreitas entre o estudo dos parâmetros acústicos que definem a entoação e outras áreas da Linguística.

BIBLIOGRAFIA

- CUNHA, Celso (1983), *Gramática do Português Contemporâneo*, Rio de Janeiro, Padrão.
- DELATTRE, P. (1961), "La Leçon d'intonation de Simone de Beauvoir. Étude d'intonation declarative comparée", in *Studies in French and Comparative Phonetics*, (1966).
- LEHISTE, Ilse (1977), *Suprasegmentals*, M.I.T. Press.
- MARTINS, M. R. Delgado (1983), *Sept Etudes sur la Perception. Accent et Intonation du Portugais*, Lisboa, INIC, (1986).
- MARTINS, M. R. Delgado (1986), "Stratégie conversationnelle: donner et prendre la parole", in *Proceedings Xith International Congress of Phonetic Sciences*, vol. 3, pp. 177-179.
- MARTINS, Fernando (1986), *Entoação e Organização do Discurso*, Lisboa, F.L.L., Tese de Mestrado.
- MATEUS, M. H. Mira (1986), "A persuasão no discurso feminino: estratégias prosódicas", in *Análise Social*, vol. xxii, pp. 599-608.